

A CIÊNCIA NAS VEREDAS E FLORESTA DA VILA DO PRATA, PARÁ

Prof. Dr. Eugenio Pacelli Leal Bittencourt.
Professor Titular, aposentado, da Escola de
Aplicação da Universidade Federal do Pará.

Este ensaio é parte das Memórias sobre as colônias agrícolas que tiveram sede na *villa* de Santo Antônio do Prata, entre 1898 e 1925, situada no Município de Igarapé-Assú, Pará. Foram três as colônias instaladas na região do Prata, um dos rios da zona de influência da Estrada de Ferro de Bragança. A primeira foi colônia catequético-indígena de setembro de 1898 a março de 1921; a segunda, colônia correcional de junho de 1921 a agosto de 1923; a terceira, a Lazarópolis, primeira colônia agrícola de hansenianos do Brasil, foi oficialmente fundada em 24 de junho de 1924, o ano da morte de seu principal administrador.

Frei Daniel de Samarate morreu em 19 de maio no Leprosário do Tucunduba, em Belém. Ali, como interno, viveu 10 anos. Ele viveu no Instituto da Infância Desvalida do Prata por 13 anos. Foi o artífice do urbanismo e da arquitetura que serviu às colônias que sucederam à catequético-indígena e estabeleceu uma parceria profícua com o Museu Paraense de História Natural e Etnografia. Foi quando conheceu a zoóloga nascida na Prússia e o indigenista alemão, naturalizado brasileiro, dois dos três personagens cujas trajetórias científicas tomei emprestado para escrever sobre o papel e as contribuições da primeira Colônia do Prata à Ciência – *do e no* Estado do Pará.

Na pesquisa para as Memórias, o meu recorte de tempo tem como marco inicial o ano de 1870. Foi quando o presidente da Província do Grão-Pará, João Alfredo Corrêa de Oliveira, transmitiu o cargo ao vice-presidente, Abel Alencastro Pereira da Graça, com a sugestão de criar um estabelecimento de instrução para órfãos e índios aos cuidados de frades capuchinhos. O marco terminal é o dia 24 de junho de 1924, quando a Lazarópolis foi inaugurada, com pompa oficial, exatamente um ano depois da chegada nos primeiros leproso colonos no lugar. Ela foi extinta na década de 1980. Há muitas obras sobre ela, de artigos a livros, de dissertações a teses acadêmicas, mas pouco se sabe sobre os meses iniciais da primeira.

Tanto as Memórias – em adiantado ritmo de composição – quanto estas páginas, inéditas e porção final de histórias que estou a resgatar da poeira do esquecimento sobre as Três Colônias da Vila do Prata, trazem detalhes de obras diversas, como livros, artigos, dissertações e teses acadêmicas sobre o povo da etnia *Tembé*, como também material encontrado em inúmeros sítios da Internet, como o *Center for Research Libraries*, a *Biodiversity Heritage Library* e a Biblioteca Digital Curt Nimuendajú

Porque o terceiro personagem do texto é Tiriák, um indígena instruído no *Collegio* do Instituto do Prata, trago à luz os traços de relações de amizade há muito esquecidas – que foi mui próxima por curtos intervalos de tempo, mas forte e admirável – entre o índio Tiriák e dois ases da Ciência paraense, ambos de origem alemã, Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage e Curt Nimuendajú Unckel.

Esse trio de ilustres pôs o nome da Colônia de Antônio do Prata no rol dos lugares que foi berço de saberes científicos significativos, em particular mesmo, de uma modesta, mas assaz curiosa e significativa obra do jovem *Tembé*, batizado como Cyriaco Baptista de Oliveira. As poucas informações sobreviventes sobre ele seguem costuradas à parte da biografia dos dois cientistas, que criaram laços fortes com a colônia administrada pelos Capuchinhos Lombardos, a partir de uma excursão da doutora em 1905 até os anos em que ambos partiram do Estado, após suas temporadas de trabalho no Museu Paraense.

A Colônia do Prata foi fundada em 29 de setembro de 1898. Desde 1903, então administrada por Frei Daniel, já estava no mapa do Museu fundado em 1866 como Sociedade Filomática, que passou a chamar-se Museu Paraense em 1870 e foi renomeado Museu *Emílio Goeldi*, botânico que o dirigiu entre 1894 e 1907, no ano de 1901. O nome do frade aparece com um dos 63 doadores em listagem de 1904. O Relatório de Jacques Huber (1913) não especifica o ele que doou, se plantas, insetos, aves ou artefatos indígenas. Frei João Pedro, o Superior Regular da Missão Capuchinha do Norte do Brasil, também consta com um dos 89 doadores que, em 1909, entregaram *presentes* ao jardim zoológico do Museu Goeldi.

Penso que as visitas dos frades fortaleceram este significativo fato à jovem Ciência paraense: a coleta de informações sobre o clima do Pará na Colônia Indígena de Santo Antônio do Prata. A primeira

pedra dessa parceria data de 1903, quando os primeiros pesquisadores do Museu foram à Colônia em excursão de trabalho. Passaram dias no lugar, onde foram bem acolhidos. A hospitalidade dos frades lhes rendeu calorosa gratidão da parte da equipe de cientistas registrada em relatório. (GOELDI, 1903)

Naquele ano, a pedido da diretoria, foi instalado um posto de observação meteorológica que ficou aos cuidados dos religiosos. Foi o primeiro na zona de influência da Estrada de Ferro do Bragança. A instrumentagem era de termômetros normal, maximal e minimal, registrador e pluviômetro. A Figura 1 mostra um instantâneo do Instituto Masculino em meados de 1924, ou ano anterior. No canto inferior esquerdo vê-se uma estação desse tipo. Prova de que a parceria continuava no tempo da Colônia já transformada em Lazarópolis. A realização desse *desideratum* – “devida principalmente á iniciativa e cooperação inteligente do Rev. frei Daniel Samarate, director da colonia” (HUBER, 1904, p. 40) – foi a semente da criação de uma rede de estações no Estado.



Fig. 1 – Instituto Masculino do Prata, ampliado
Fonte: Instituto Oswaldo Cruz [1924]

Dois Expoentes da Ciência na Colônia do Prata

Emilie Snethlage era ornitóloga. Nasceu em Kraatz, Prússia, em 13 de abril de 1868. Contratada por Émil August Goeldi como auxiliar da Secção de Zoologia no Museu Paraense de História Natural e Etnografia, que ele dirigia, veio para estudar a avifauna amazônica – por dois anos. Desembarcou em Belém em 15 de agosto de 1905. No mesmo ano, excursionou na Colônia do Prata dirigida por Frei Daniel de Samarate, onde havia dois colégios para filhos de índios e colonos, além de órfãos e menores delinquentes. Enquanto atuou no Pará, viajou em inúmeras missões científicas, algumas delas na região do rio do Prata. As excursões lhe propiciaram comparar os *avanços civilizatórios* dos frades sobre o lugar e os nativos da floresta. Ela apreciava sobremaneira os trabalhos de campo e desenvolveu uma trajetória singular com museus de história natural do Brasil e da Alemanha.



Figura 2 - Emilie Snethlage, 1906, aos 38 anos.
Fonte: Arquivo do *Museum für Naturkunde*, Berlim.

Em outubro de 1905, foi pela primeira vez à Colônia Indígena do Prata, então uma área florestal inexplorada pelos naturalistas. No mesmo ano, esteve na ilha de Marajó. Em 1906, em Monte Alegre; depois seguiu pelo rio Guamá até a cidade de São Miguel. Em 1906 e 1907, percorreu o baixo Tapajós até Itaituba, em companhia do preparador de coleções João Batista de Sá. Em abril e maio de 1907, estava no baixo Tocantins. As excursões tinham o objetivo de estudar e colecionar aves, segundo um plano de pesquisa de campo, com sugestões de Émil Goeldi. (CUNHA, 2019)

Nas matas do Prata, ouviu o canto do *Thamnomanes caesius hoffmannsi*, uma espécie de uirapuru. No Museu Goeldi há um espécime coletado em 1905 que Sneathlague (1914) assim descreveu em 1906: o macho é cinzento, um pouco mais claro no abdômen; a fêmea tem cor parta olivácea, barriga e crisso vermelhos; corpo com 7,2 cm de asa e 6,8 cm de cauda; o bico mede 1,7 cm e o tarso, 1,9 cm. O registro da espécie e outras 91 coletadas no Prata, além de outras presentes em outras áreas da Estrada de Ferro de Bragança, fazem parte da principal obra de sua autoria: o *Catalogo das Aves amazônicas*.

O *Catalogo* contém as informações taxonômicas, biológicas e biogeográficas de 1.117 espécies. Tem 522 páginas e data de 1914. A base principal da revisão científica, que Emilie Sneathlague procedeu por orientação do diretor Émil August Goeldi, foi a coleção de peles de aves do acervo do Museu Paraense, mas também trata de espécies mencionadas noutros trabalhos. A obra, que aborda a exploração ornitológica realizada na Amazônia desde a segunda década de 1800, com Spix e Natterer, até as espécies conhecidas em 1913, é considerada o *marco zero* da ornitologia brasileira. É o complemento perfeito do *Album de Aves Amazônicas*, ilustrado por Ernesto Lohse, organizado por Goeldi a partir de 1900, com versão definitiva levada ao público em 1906 e reeditada em 1981 pela Universidade de Brasília.

Ao folhear o *Catalogo* em março de 2024, encontrei a descrição de uma ave que, por dois dos seus nomes vulgares, pode ser relacionada à raiz de uma lenda amazônica de assombração muito conhecida, da qual coletei meia dúzia de relatos interessantes em Igarapé-Assú – para publicação futura. Trata-se da *Taper naevia*, uma ave de pequeno porte que habita a América Central e parte maior da América do Sul.

Em 1914, era conhecida pelo nome vulgar de *saci*; também por *fêm-fêm e... matinta-pereira*. A parte superior do corpo é de cor parda clara, raiada de preto; a parte inferior, esbranquiçada; seu crisso, amarelado. O comprimento da asa é de 10,8 cm, cauda de 14 cm e bico de 2 cm. Naquele ano, havia no Museu Goeldi oito exemplares de machos e seis de fêmeas capturados no Pará – Quatipuru, na EFB; São Natal, na ilha do Marajó; na ilha de Mexiana; em Maracá, Monte Alegre e Santo Antônio do Prata.

Quando Goeldi partiu do Pará, em 1907, Emilie assumiu a direção interina da Seção de Zoologia do Museu Paraense e do Jardim Zoológico. A doutora viveu em uma era que menosprezava a mulher que desejasse atuar na Ciência, área masculina por tradição. Tinha consciência do machismo em voga quando escreveu para Nachlass Theodor Koch-Grünber, em 15 de março de 1910, sobre a viagem que fizera com índios *Xipayá* e *Kuruaya* pelos rios Curuá e Jamanxim, entre junho e outubro de 1909: “Infelizmente, há hoje pessoas suficientes que atribuem significado a um assunto que não é importante em si, se for realizado por uma mulher. Eu quero evitar isso, tanto quando eu possa prevenir” (*apud* SANJAD, 2019, p. 7).

Por essa razão suas primeiras publicações na Alemanha foram identificadas como *Dr. E. Sneathlague*, sem o *Fräulein* (senhorita) junto ao nome. Apesar do contexto hostil, extrapolou todas as expectativas, tanto pela qualidade de seus trabalhos, quanto ser a primeira mulher a administrar uma renomada instituição de pesquisa no Brasil. Tornou-se membro da Academia Brasileira de Ciências em 1926. Dentre seu extenso legado à Ciência, afora as que legou e organizou no Museu Goeldi e no Museu Nacional, do Rio de Janeiro, destaque merecem as coleções ornitológicas para os principais museus da Inglaterra, Alemanha, França e Áustria. (JUNGHANS, 2009; WIKIPÉDIA, 2023)

Segundo Osvaldo Cunha (2019), Emilie previu a rápida e irreversível degradação da cobertura verde ao longo da ferrovia e primeiras estradas carroçáveis que rasgavam a floresta do Nordeste paraense. Suas impressões de cunho ecológico sobre a área colonizada pelo Estado, inclusive aquela habitada pelos *Tembé*, foram publicadas, em 1917, numa revista dos Estados Unidos da América com o título “*Nature and man in Eastern Pará*”. Neste texto, encontrei este panorama do ambiente da zona bragantina, já um tanto degradado naqueles primeiros anos do século XX:

Se você pegar um trem para ir de Belém à Bragança, você não verá muita coisa da floresta virgem, pelo menos na primeira metade da viagem de 180 milhas e absolutamente nada nos campos. Pois no começo a ferrovia faz fronteira principalmente com capoeiras e só ocasionalmente passa por insignificantes trechos de mata, a maior parte igapós, próximos aos rios. (SNETHLAGE, 1917, p. 42)

Segundo Émil-Heinrich Wilhelm Rotger Snethlage (1932), etnólogo e sobrinho, o passatempo da tia famosa era a Oologia. No VI Congresso Internacional de Ornitologia realizado em Copenhague, Dinamarca, no ano de 1926, ela divulgou de forma resumida as anotações do diário de Karl Schreiner. Era apenas a primeira parte de um trabalho coletivo. A segunda seria o conjunto das observações que fez em sua longa estada no Brasil, sobretudo na região da Colônia de Santo Antônio do Prata, no Pará, entre 1917 e 1918. Tencionava publicar o manuscrito completo no Brasil, porém não foi possível conseguir o dinheiro necessário. Além disso, a meio caminho da editora dos anais do Congresso, o documento sumiu. Que lamentável perda! A maior parte da avifauna paraense estava descrita nessa obra.

A doutora passou por muitas agruras no Pará. Diana Alberto e Nelson Sanjad (2019) destacam o que lhe sucedeu após o falecimento do titular do Museu, o botânico suíço Jakob Huber em fevereiro de 1914. Emilie foi nomeada Diretora pelo Governador Enéas Martins (1913-1916), em meio a desconfianças de ordem política. O mundo vivia a I Grande Guerra (28/07/1914 – 11/11/1918) e as divergências entre Brasil e Alemanha complicavam mês a mês. Ela assumiu, porque não havia outro pesquisador – homem, ressalta Sanjad (2019) – disponível, com o mesmo grau universitário e maturidade científica que ela.

Foram tempos difíceis para si e para um intrépido aspirante à etnólogo – também alemão – que gozava da estima do diretor. **Curt Nimuendajú Unckel** conquistou no Estado o reconhecimento de maior especialista em povos indígenas do Brasil na primeira metade do século XX. Por méritos próprios, mas também pelo apoio inicial que recebeu da diretora interina do Museu.

Quer que lhe mande uma história de minha vida? É muito simples: nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente, até 1913, São Paulo, e depois Belém do Pará, e todo o resto foi, até hoje, uma série quase ininterrupta de explorações, das quais enumerei, na lista anexa, aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho. (BALDUS, 1982, p. 26)

Assim biografou-se Curt Nimuendajú quando Herbert Baldus, diretor do Museu Nacional, lhe solicitou dados pessoais e um retrato em 1939 para uma publicação que idealizara. Pela mencionada lista, de 1905 a 1939, ele mostra que não houve um único ano de sua vida que não tenha estado entre índios ou feito escavações arqueológicas. Consta que, em 1915 e 1916, esteve com os *Tembé* na Colônia do Prata; antes, em 1915 também, estivera com os *Tembé* do Maranhão. Era autodidata, com trabalhos publicados nas áreas de etnologia, linguística, arqueologia, colecionismo e indigenismo.

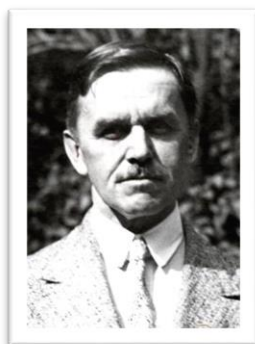


Figura 3 - Curt Nimuendajú Unckel

Fonte: <https://ea.fflch.usp.br/>

Curt Unckel nasceu em 17 de abril de 1883. Aos 20 anos, imigrou para conhecer os índios da América do Sul. Já em 1905, participou da expedição da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, que abandonou para viver com os *Apapokuva-Guarani*, de quem recebeu o nome *Nimuendajú* (“aquele que

constrói sua própria casa”). De 1909 a 1910, foi funcionário do Museu Paulista; em 1910, no mesmo estado da Federação, ingressou no Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 1913, transferido a pedido, era um servidor do SPI com residência em Belém, quando o Museu Goeldi era dirigido por Jakob Huber. Com a morte do diretor, o Museu passou às mãos de Emilie Snethlage, com quem Curt estabeleceu parceria.

Quando desembarcou em Belém, não vislumbrava uma carreira de antropólogo, afirma Nelson Sanjad (2019). Aconteceu graças ao apoio de Emilie e a vínculos formais e informais (esses na maior parte) com o Museu entre 1913 e 1921. Emilie teve participação direta na inserção dele no meio científico europeu. Foi ela que viabilizou suas primeiras expedições científicas no Pará, além de articular as relações – que ele ampliou – com museus e etnólogos alemães (e, posteriormente, com estadunidenses), fosse como etnólogo, coletor de artefatos e correspondente de *experts* da antropologia alemã.

Era fevereiro ou março de 1915, por restrições orçamentárias, o SPI extinguiu a atividade de pacificação dos *Urubu Ka'apor* conduzida por Curt Nimuendajú, no Maranhão. Com a perda do emprego e a agência de Belém praticamente fechada, a doutora o indicou como coletor do *Museum für Völkerkunde*. Um colega de Berlim, Eduard Seler, em 15 de maio, lhe respondeu que “gostaria de contratar Nimuendajú como coletor, mas isso era impossível dadas as circunstâncias adversas em que a Alemanha se encontrava. Além de não haver dinheiro, também não havia transporte e os meios de comunicação eram muito limitados em razão da guerra”. (WELPER, 2020; SANJAD, 2019, p. 11)

Nimuendajú iniciou uma odisseia de trabalhos temporários, mal remunerados, enquanto fortalecia seu prestígio como especialista em língua e culturas indígenas. A primeira expedição independente que executou, viabilizada financeira e politicamente por Emilie Snethlage, foi aos *Apari* entre 1º de junho e 15 de outubro. Ao longo dos rios Jari, Maracá e Puru, formou a primeira coleção de artefatos indígenas, dicionário, notas e observações diversas. Grande parte dela foi comprada por William Curtis Farabee, após negociações infrutíferas mediadas por Koch-Grünber com museus alemães, pelos mesmos problemas apontados por Seler. Está preservada no Museu da Universidade de Pensilvânia, Estados Unidos.

Na segunda excursão, provavelmente agenciada pela diretora do Museu Goeldi com o apoio de sua rede de relacionamentos, ele conheceu os *Tembé* da Colônia do Prata. Lá, um jovem egresso do Instituto Masculino conquistou a sua atenção. Era Cyriaco Batista de Oliveira. Tornaram-se amigos e, em data ignorada, compadres. Esse fato, relacionado à cerimônia do batismo cristão do filho caçula do índio, me sugere que Curt Nimuendajú visitou o Prata outras vezes após a excursão do ano de 1916, a única àquele que consta na lista divulgada por Baldus, amplamente reproduzida em trabalhos acadêmicos da posteridade. Quiçá antes mesmo como se deduz de suas publicações sobre os índios do território paraense.

De seus primeiros anos no Norte do País, Curt Nimuendajú produziu duas obras sobre aquele povo. A primeira, de 1914, trata de material linguístico sob o título de Vocabulário da Língua Geral do Brasil nos dialetos dos *Manajúé* do rio Ararandéu, *Tembé* do Acará pequeno e *Turiwara* do rio Acará Grande, Estado do Pará. A segunda, de 1915, é uma coletânea de dez lendas intitulada *Sagen der Tembé Indianer: Pará und Maranhão*, coligidos quanto estava a serviço do SPI, na região do rio Gurupi.

A declaração de guerra do Brasil à Alemanha em outubro de 1917, por terem ascendência alemã, complicou a situação de Curt e Emilie. A situação geopolítica os desfavorecia. No cumprimento de ordens federais, o Governador Lauro Sodré (1917-1921) foi obrigado a demiti-la. No período em que esteve longe do Museu, realizou estudos ornitológicos na área de influência da Estrada de Ferro de Bragança. Autoexilou por quase um ano e meio na Colônia do Prata, onde as entrelinhas de seus escritos igualmente me sugerem que fora ao lugar em mais ocasiões. Mesmo de fé protestante, a doutora era bem acolhida no *collegio* feminino que estava aos cuidados das freiras franciscanas, que a admiravam. Assim pode prosseguir com tranquilidade as suas observações sobre a flora e a fauna – e sobre a etnia que habitava aquela região. (SNETHLAGE, E., 1932)

Sanjad identificou incongruências nos registros de Emilie Snethlage de sua temporada no Prata, aquando do antigermanismo que enfrentava. Em outra carta a Eduard Seler, de 18 de novembro de 1919, ela conta que esteve desligada do Museu Goeldi entre abril de 1918 e maio de 1919. No período, viveu na missão capuchinha, onde coletou material linguístico e mitos *Tembé*. No artigo *Nature and Man*, publicado em 1917, aponta que sua estadia ocorreu entre o segundo semestre de 1917 e maio de 1918. Entretanto, um

artigo publicado em 1932 pelo sobrinho, Émil-Heinrich Snethlage, alarga para 18 meses o intervalo em que viveu no Prata. Parece-me a combinação lógica dos dois períodos. Fontes outras dizem que a doutora sumiu por um período de tempo igual. Eis um ponto que tenho ainda a elucidar.

Ao organizar o patrimônio da tia falecida em 1929, Émil encontrou um manuscrito de 22 folhas. Era uma obra de *Tembé* Cyriaco Baptista de Oliveira, na qual, em frente e verso, com vocábulos e mitos em idioma materno, com tradução para o português. Dado o interesse indiscutível da peça, após trato editorial, Émil-Heinrich conseguiu publicá-lo na íntegra na Revista do Instituto de Etnologia, de Tucumán, Argentina. Ele afirma, de forma equivocada, que o conheceu em 1923, quando acompanhou Emilie ao Maranhão; mas Tiriák morava no Pará. Lembrava-se acertadamente que o autor daquele raro documento – o índio Tiriák – fora admitido, menino ainda, na escola da missão franciscana de Santo Antônio do Prata completamente analfabeto e “selvagem”.

O Dicionarista *Tembé* do Instituto do Prata

Cyriaco Baptista de Oliveira era um dos 68 garotos internos do Instituto Masculino do Prata. Nos exames escolares realizados em outubro de 1905, ele foi um dos três alunos de destaque da 2ª classe da 1ª escola ou entrância. Obteve o 2º prêmio; o primeiro coube a Raymundo Ignacio, filho do criado de recados Manoel Ignacio, e o terceiro a Manoel Soares. Cada *escola* tinha três *classes*. A solenidade de premiação ocorreu em 15 de novembro. A programação foi organizada por Frei Daniel e realizada perante o Cônego José de Andrade Pinheiro e um representante do Governador Augusto Montenegro, cujo nome o frade não registrou. Cyriaco Batista morreu por volta de 1925. Contava com 35 anos de idade aproximadamente, segundo o compadre Curt. (SAMARATE, 1905; SNETHLAGE, E., 1932)

Conta Émil-Heinrich Snethlage que, em três anos de “estudo”, Cyriaco conseguira “escrever as 22 páginas com palavras e textos da sua língua materna e, ao mesmo tempo, reproduzi-las à expressão portuguesa” (1932, p. 347). Creio que ele o fez após a troca de saberes com Curt Nimuendajú, para ambos, sobre a qual reproduzo trecho de carta do indigenista, adiante.

Tratava-se de um dicionário e sete mitos de sua gente. Tudo escrito a lápis. Ele não tinha uma caligrafia primitiva, mas sim elegante e limpa. O que, na opinião de Émil, era característico somente entre os europeus mais experientes. Nos mitos, havia algumas linhas escritas de forma descuidada. Às vezes era até difícil de distinguir as letras *n* e *u*, que pareciam escritas de forma descuidada. A ortografia, porém, não era a do Português clássico. Nada disso desmerecia essa parte do manuscrito.

Dos sete mitos que nos legou, quatro têm títulos: o segundo, *O menino transformado em gavião*; o terceiro e o quinto, *O tamanduá e a onça*; o sexto; *A preguiça e a onça*. Cada texto é seguido de esclarecimentos dados por Cyriaco em folhas soltas ou no final de alguns deles, mas Émil-Heinrich reproduziu apenas os que se referiam à pronúncia e ao significado das palavras isoladas. *Vide* Figura 3.

As expressões utilizadas eram típicas da população mestiça paraense. Os padres não foram os únicos professores com quem o menino Tiriák aprendeu a língua do homem branco. Alguns docentes do Instituto Masculino eram não índios que, um dos quais era responsável pela banda musical de boa fama, 30 instrumentos, com repertório que incluía trechos de óperas, hinos e música erudita. Não podemos ignorar também o contato ele que tinha com os colonos, todos professores da *escola da vida*. O *disque* (contração de *diz-se que*) é um dos treze termos do linguajar paraoara que ganhou uma explicação de Émil; outro foi *muquear* ou *muquiar* (assar lentamente, longe do fogo e sem fumaça).

As falhas e os erros que Émil encontrou no manuscrito, especialmente nos textos dos sete mitos *Tembé*, eram produto das idiosincrasias pessoal e étnica de Cyriaco Baptista. A falta de um espírito metódico e a mudança nos sinais que usava geravam certas irregularidades que, por um lado (opina o sobrinho de Emilie), apresentam grandes inconvenientes para o homem da Ciência; por outro, pode até despertar interesse psicológico para compreensão da mentalidade dele ou de seu povo.

O mesmo não aconteceu com a ordem adotada por Cyriaco em seu dicionário. Não poderia ser deixado como está, caso contrário seria inutilizável para qualquer pesquisador que quisesse utilizá-lo para fins comparativos. Cyriaco escrevia as frases e palavras

conforme vinham à mente, então tive que agrupá-las. Infelizmente fui obrigado a separar alguns homônimos, mas consenti nisso para maior clareza geral. Um grande número de palavras nos textos não aparece no vocabulário. (E. SNATHLAGE, 1932, p. 348)

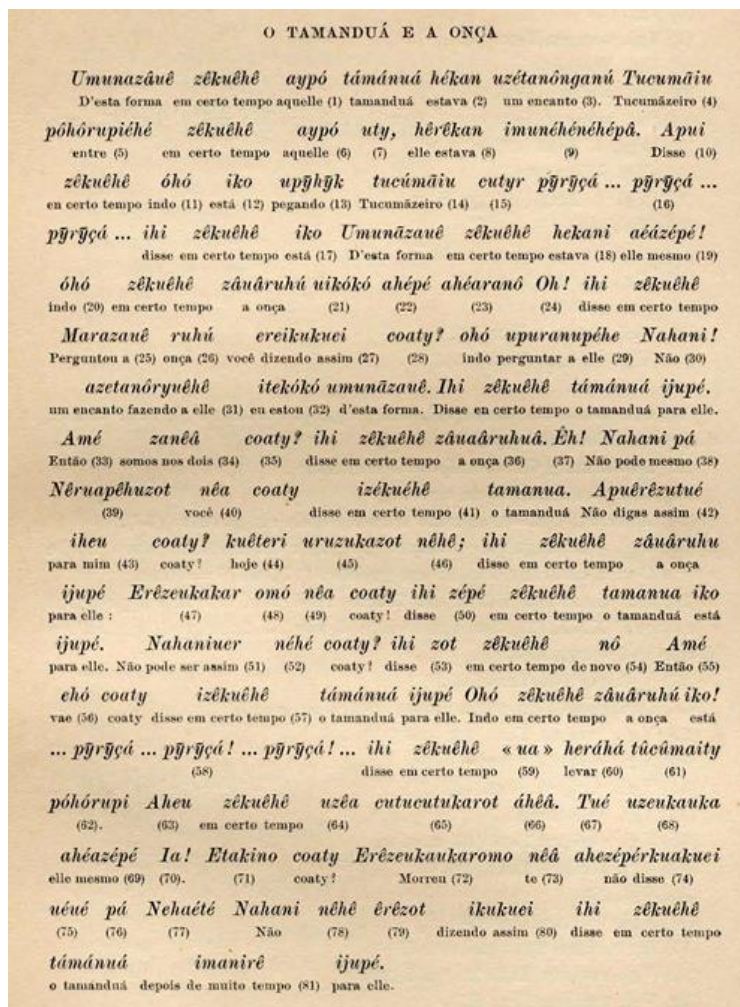


Figura 3 - Texto V de Cyriaco Batista
Fonte: Émil-Heinrich Snethlage (1932)

O jovem Snethlage supôs que Cyriaco devia estar um tanto cansado quando traduziu os mitos. Isso porque, às vezes sua interpretação era tão livre que o significado das palavras individualizadas não podia mais ser reconhecido. Ele gostaria que um linguista empreendesse o estudo daqueles documentos com mais detalhes do que ele o fez. Afinal havia pontos de comparação em inúmeras gramáticas e vocabulários *Tupi*, aspectos sobre os quais não tinha domínio.

Em carta de 26 de maio de 1932 endereçada e publicada por Emil-Heinrich, Curt Nimuendajú deu informações sobre Cyriaco Baptista que mostravam o elevado nível de instrução adquirido pelo menino “selvagem” que a tia conhecera em 1905. O indigenista o viu a primeira vez em 1915, quando já rapaz ele estava prestes a se tornar aprendiz do velho curandeiro. E ficaram muito amigos. Eis trechos da carta que escreveu para Émil sobre o primeiro dicionarista indígena nascido no Estado do Pará:

O autor do manuscrito *Tembé*, eu o conhecia muito bem. Era meu compadre. Cyriaco Baptista de Oliveira era um índio da Missão Capuchinha de Santo Antonio do Prata, nas cabeceiras do Rio Maracanã, um pouco ao sul da linha férrea de Belém a Bragança, mais ou menos na metade do caminho. Também conheci os pais dele. Ambos verdadeiros índios de sangue puro.

Cyriaco foi criado na missão. Falava e escrevia português perfeitamente, treinava e trabalhava como tipógrafo e tocava diversos instrumentos de sopro. Por um tempo liderou a banda local na cidade de Igarapé Assú. Seu irmão mais velho era professor entre os neobrasileiros; o [filho] mais novo dele é meu afilhado. Apesar de tudo isso, Cyriaco permaneceu um verdadeiro índio por dentro.

Ele foi meu professor da língua *Tembé*, que eu já conhecia do Gurupy. E, nessa ocasião, aprendeu comigo a escrever sua língua nativa, coisa que até então não conseguia fazer. Depois da minha última visita ao Prata, ele anotou as lendas no original com tradução por sua própria iniciativa e as entregou à Srta. Emilie Snethlage, que colecionava frequentemente objetos ornitológicos em Prata.

Apesar do processo de aculturação branca, segundo Curt Nimuendajú, Cyriaco permaneceu um verdadeiro índio por dentro. Morava em uma pequena cabana de palha no mato, como era o costume de sua gente. Raramente passava uma noite em casa, porque tinha paixão pela pesca noturna, com luzes, na floresta pantanosa. Ele lhe ensinou mais sobre a língua *Tembé*. Em troca, aprendeu as técnicas para escrever em sua língua nativa. Em data inscrita no vento, entregou seu manuscrito de 22 folhas à doutora Emilie Snethlage. Que bem o guardou e, assim permaneceu inédito até a descoberta e ulterior publicação, em línguas alemã e espanhola, em revista da Universidade Nacional de Tucumán.

Trazer à luz da História a interação pessoal desses três personagens, responsáveis diretos por fato ocorrido na primeira fase de existência da Vila de Santo Antônio do Prata, soterrado que estava na poeira do tempo, ignorado pela minha gente de Igarapé-Assú, eis a melhor descoberta que fiz durante a pesquisa que resultou neste Memorial. *Foi o meu pequeno-grande achado*. O fato é tão singular quanto surpreendente, porque se desenvolveu na fase pioneira e mais penosa da colonização em curso, na zona bragantina do Estado, em meio a desafios e uma insalubridade que prostava os mais fortes. Mesmo aqueles nascidos no floresta, como o índio Tiriák que faleceu em 1925, na maturidade dos 30 e pouco anos. (O Autor)

No início do 1916, antes de partir para uma missão de três anos pelos rios Xingu, Iriri e Curuá, Nimuendajú viajou à Missão do Prata. Foi para estudar a língua *Tembé* com Cyriaco Batista e registrar mais de suas lendas. O mesmo objetivo moveu Emilie no ano seguinte, como ela relatou para a Eduard Seler em carta de 18 de novembro de 1919. Isso mostra certo interesse comum de ambos, se não mesmo um projeto de investigação conjunta, como supôs Nelson Sanjad (2019), de resultado ainda desconhecido.

Foi neste contexto, explica Elena Welper (2020), que Nimuendajú registrou os 24 mitos publicados na edição bilingue do Instituto Martius-Staden, extraídos de um manuscrito de 221 páginas, que reunia grande parte daqueles que ele coletara e somente o concluiu em setembro de 1945. Ele o deixara guardado em sua residência, na Travessa 14 de Abril, 119, bairro de São Braz, Belém ao partir para sua derradeira viagem de trabalho. Dentre eles, estava o inédito – até 2020 – *A tapera das almas dos defuntos*, reproduzido no final deste ensaio.

Existiu uma caderneta intitulada *Sagen der Tembé: Die Totenseelen* (Lendas do *Tembé*: As almas dos mortos), com anotações da expedição de 1916. Por certo que ela nos mostraria um cenário singular da Colônia Santo Antônio do Prata onde ele caminhou. Infelizmente, ela era parte do Acervo Curt Nimuendajú do Museu Nacional que ardeu em chamas, junto com outros tesouros do Brasil, em dezembro de 2018.

Aquelas anotações estão perdidas, mas não são a única nem a maior perda lamentável dentre o que Curt Nimuendajú produziu ao longo de sua carreira. Outra, também para as chamas ocorreu em meados de 1967, durante o recrudescimento da ditadura militar. Na ocasião, um suspeito sinistro destruiu grande parte dos arquivos da Centro de Documentação Etnológica do SPI, que seria extinto em dezembro daquele mesmo ano, no apagar das luzes do governo do General Arthur da Costa e Silva.

O incêndio que destruiu sete andares do Ministério da Agricultura, em Brasília, no dia 16 de junho de 1967, transformou em cinzas milhares de documentos depositados na sede do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). O incêndio ocorreu às vésperas da instalação da comissão de inquérito no SPI, ordenada pelo Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, e chefiada pelo procurador Jäder Figueiredo Correia, em resposta aos graves fatos

apontados por comissões de inquéritos da Câmara dos Deputados. Na época, o incêndio foi visto com suspeição, pois interessava a muitas pessoas acusadas de irregularidades a destruição desses arquivos. (FREIRE, 2013)

Elementos do Primeiro Dicionário *Tembé*

Como Cyriaco Batista escreveu as frases e palavras conforme vinham à sua mente, Émil-Heinrich agrupou os 750 vocábulos da desordenada lista em 23 categorias: Pagamento (6 palavras); Partes do Corpo (52); Relacionamento (38); Nomes, Títulos E Profissão (38); Fiação, Tecelagem e Cerâmica (8); Caça, Armas e Guerra (14); Pesca e Transporte (10); Casa, Dispositivos e Ferramentas (32); Comida, Bebida e Comida Luxuosa (25); Fé e Doença (22); Empréstimos Portugueses (12); Pronúncia de Nomes Próprios (67); Natureza (51); Planta (23); Animais Inferiores (11); Peixes, Anfíbios e Répteis (10); Pássaros (24); Mamíferos (33); Adjetivos (20); Advérbios (22); Verbos e Formas Verbais (137); Expressões Idiomáticas e Partes de Frases (62); Outras Palavras (53).

Para deleite de quem vê estas páginas, apresento duas novas figuras. A primeira mostra uma seleção de palavras *Tembé* traduzidas para o português. Parte delas eu escolhi por afinidade com a minha pesquisa em curso sobre a história de Igarapé-Assú, da qual as Memórias das Três Colônias do Prata e, delas, este texto, são os frutos em produção mais adiantados. Há mais termos afins ao linguajar paraoara no artigo original. Vele muito a pena conferir o original. A segunda é a reprodução do impresso do Aviso que o autor anotou no manuscrito àqueles que lessem o modesto dicionário.

<i>TEMBÉ</i>	PORTUGUÊS	<i>TEMBÉ</i>	PORTUGUÊS
táué	aldeia velha	uassahi	açai
ang	alma	Atún	Antonio
zânêpitun	boa noite	Márnin	Balbino
zânêkaruk	boa tarde	akazú	caju
zânêkuén	bom dia	amána	chuva
mairy	cidade	Tiriák	Cyriaco
tapity	coelho	Nãnié	Daniel
cupihi	cupim	cumáná	fava
zúrupari	demônio	izapyr	fim
tupan-áruhu	dia santo grande	Tikin	Francisca ou Chica
azángá	fantasma	pái-cuzá	freira
zakare	jacaré	kuêteri	hoje
zapihi	japiim	cáráiu	homem cristão
zahý	lua	Inêi	Ignez
máru	mosca	tópórok	igreja
mêrui	mosquito	zórómó	jirimum
micur	mucura	mârâinguer	lembrança
pazé	pajé	zárákátiá	mamão do mato
azurú	papagaio	manióga	mandioca
túhi	periquito	uápúái	máquina pequena
iarúpáú	porto	muém	mentira
auizá	sabiá	Miguér	Miguel
tupan	Santo-Deus	cárái cuzá	mulher cristã
curúrú	sapo	pái	padre
yáu	saúba	Rêmun	Raymundo
támánuá	tamanduá	Têrêi	Thereza
tukán	tucano	uápú	trem

Figura 4 - Fragmento do Dicionário *Tembé* – Português, de Cyriaco Batista
Fonte: Émil-Heinrich Snethlage (1932)

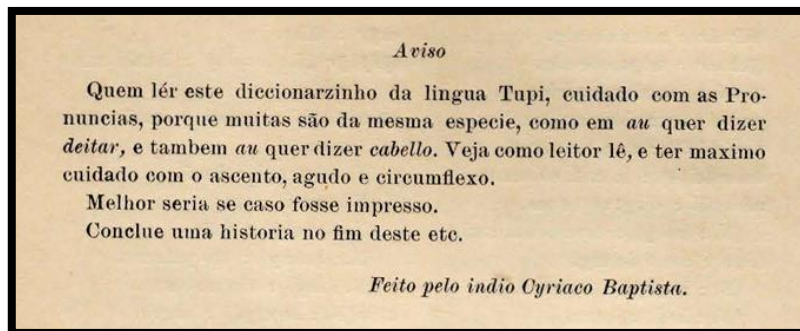


Figura 5 - Aviso de Cyriaco Baptista.
Fonte: Émil-Heinrich Snethlage (1932)

Fim dos Anos Germânicos no Museu Goeldi

De 1916 a 1919, são raros os vestígios documentais de Emilie Snethlage e Curt Nimuendajú, afirma com conhecimento de causa Nelson Sanjad (2019). O acirramento da I Grande Guerra e do antigermanismo que dela redundou os colocou em situação frágil. Enquanto se aventurava pela região dos rios Xingu, Iriri e Curuá, sabe-se que o indigenista trabalhou com particulares para organizar a construção de uma estrada para automóveis e até foi gerente da estação de barcos a vapor em Vitória do Xingu. Em outubro de 1919, voltou para Belém, onde, mesmo doente, chegou a ser preso sob a acusação de espionagem.

Ondas de crise atingiam o Museu, mas o fim da Guerra em novembro, trouxe a doutora de volta à função de chefe de Seção de Zoologia do Museu no início de 1919. Ela, que fora dispensada pelo governo dois anos antes, voltou a ser reintegrada nessa função. Assumiu também – e novamente – a diretoria do Museu Goeldi por determinação de Lauro Sodré. Essa última medida seria provisória. Foi adotada pelo Governador por força das circunstâncias. Palavras dele mesmo. É que lhe faltava pessoal especializado indicar àquele cargo e outros mais. Tanto que, por certo tempo ficaram vacantes as chefias da Geologia, Paleontologia e Mineralogia e da Etnologia, Arqueologia e Antropologia. (PARÁ, 1919)

Sob a direção da Dra. Emilie, o Governador reconheceu que se mantinha o crédito e bom nome do Museu Goeldi, que passou a contar no quadro científico com o Dr. Adolpho Ducke, chefe da Seção de Botânica; em junho, Curt Nimuendajú foi contratado interinamente para dirigir a Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia. Fora uma indicação da Dra. Snethlage.

Sobre o serviço meteorológico que estava a seu cargo, que seria alavancado com o novo (mas não o primeiro) posto no Instituto do Prata, como estação de 2ª. Ordem, ela escreveu que a Meteorologia era um campo de conhecimento muito importante em seu ramo de atividade. Também que o serviço sempre foi regulamente mantido e tinha o reconhecimento da comunidade científica mundial. Volte à Figura 1. A estação é visível no canto esquerdo inferior da foto que pertence ao acervo do Instituto Oswaldo Cruz.

Como prova que o mundo culto aprecia os nossos esforços n'este sentido, citamos o pedido feito no anno relatorial findo da parte da "Royal Meteriological Society", em Londres, uma das mais velhas e conceituadas corporações d'este gênero, de remeter a eles anualmente a synopse das nossas observações. Já mencionei em outro lugar o facto de ter a nossa estação contribuido de modo importante para estabelecer uma base barométrica para as alturas alcançadas pelo viajante americano dr. Hamilton Rice no alto Rio Negro e cabeceiras do Orenoco. Estamos certo que outros exploradores vão seguir o exemplo do ilustre medico americano, manifestando-se assim mais uma vez, a grande importância d'esta única base na bacia do Amazonas. (PARÁ, 1920, p. 74-75)

Em junho de 1920, o encargo de Nimuendajú era inventariar e conservar a coleção etnográfica do Museu Goeldi. Foi seu primeiro vínculo formal com o Museu Goeldi, que assumiu com certo desânimo. Tinha consciência da fragilidade da situação em que se encontrava. Era preciso sobreviver. Inicialmente, não quis aceitar. Primeiro, porque sabia que o deixariam morrer de fome; segundo, porque acreditava que o Museu Goeldi estava condenado e a decadência completa era apenas questão de tempo. (SANJAD, 2019)

A crise econômica do Estado com o declínio da exploração da borracha, que se aprofundava ano a ano, mais as origens germânicas de Emilie Snethlage e Curt Nimuendajú não favoreciam as possibilidades de apoio ao Museu, enquanto ambos estivessem vinculados a ele, explica Nelson Sanjad.

Em carta de 29 de julho a Theodor Koch-Grünberg, Nimuendajú contou que tinha um salário mensal de 500\$000, mas não o recebia. Ninguém da Instituição recebia os vencimentos. Em 19 fevereiro de 1921, ao saber que o novo governador do Estado, o médico Antônio Emiliano de Sousa Castro, não pagaria os dez meses atrasados, o indigenista desabafou novamente com Koch-Grünberg em tom bastante ácido. Na resposta de apoio que recebeu, ante a eminente derrocada, o amigo distante mostrou interesse pelas coleções do Museu Goeldi, em particular as cerâmicas para o *Linden Museum*, de Stuttgart, Alemanha.

Sobre Snethlage, sabe-se que excursionou pelo rio Negro em 1916; que após o Brasil cortar relações diplomáticas com a Alemanha, em abril de 1917, enfrentou problemas com o governo do Estado do Pará e a imprensa local, a ponto de ser exonerada da direção do Museu, mas foi mantida como zoóloga. Por meses buscou abrigo na missão dos frades capuchinhos, ocasião em que, dentre outras imagens do lugar, fotografou os prédios da Instituto Masculino do Prata, do alto da torre da Igreja. *Vide* Figura 6. A inauguração do prédio data de 28 de dezembro de 1909. Tanto a sua história quanto a sua imagem são tão raras quanto desconhecida pelo povo do lugar e mesmo por acadêmicos.



Figura 6 – Instituto Masculino do Prata, original
Fonte: Emilie Snethlage (1917)

Durante a pesquisa para as Memórias do Prata, encontrei teses, livros, artigos e dissertações sobre o Instituto Feminino, mas nenhum trabalho acadêmico, sequer vagas lembranças de antepassados dos atuais habitantes, sobre os prédios do Instituto Masculino. Na atualidade, dele resta menos de 60% do pavilhão mais à nossa frente – embora depredado e em ruínas, mas ainda coberto – e um fragmento mínimo da parte frontal inferior do segundo pavilhão (ao fundo) que, no tempo da colônia hanseniana, abrigou as moças e senhoras lazarentas.

Nada resta do prédio central para lhe contar a história, exceto que servia à administração e moradia dos frades capuchinhos e no térreo foram instalados o dormitório dos alunos do Instituto. No tempo da Colônia Correccional funcionou como Chefatura de Polícia. Seu alto e belo portão da entrada, trabalhado em aço importado da Europa com esmero, sumiu. Entretanto, as grades que separavam o *collegio* do leito da rua foram aproveitadas no cerco da creche construída em frente da Igreja de Santo Antônio. É uma relíquia ainda viva, mas desconhecida pela maioria do povo do lugar.

Há um registro precioso sobre a localização de Emilie Snethlage em 4 de junho de 1919. Nesse dia, uma quarta-feira, ela foi visitar um pessoa querida internada no Leprosário de Tucunduba. Frei Daniel assim registrou em seu famoso diário o acontecimento da forma breve, como lhe era peculiar: “Tive a visita da D.^a Emilia, Directora do Museu Goeldi. Me deixou uma quantia para os pobres” (TROESI, p. 268).

Imaginei a surpresa do religioso com a potente mulher que conheceu em 1905, quando administrava a Colônia Catequética e ela excursionava em busca de espécimes que habitavam a região do rio Prata. Deve

ter sido um encontro emocionante, de dupla caridade cristã. Em carta que enviou a Eduard Seler, em 18 de novembro do mesmo ano, portanto após o final da guerra, a doutora foi mais expansiva que Frei Daniel ao fornecer ao amigo distante notícias suas durante aquele mesmo ano:

Vivíamos aqui com bastante paz e tranquilidade, até que o Brasil declarou guerra. Fui então exonerada de meu cargo de diretora interina do Museu (que ocupava desde o falecimento do Dr. Huber), contudo o governo, que sempre teve uma conduta amistosa, quis me manter no cargo de curadora do departamento de Zoologia e só após insistentes ordens do governo federal no Rio é que me exonerou em abril do ano passado. No final de maio deste ano fui chamada de novo, e desde o início de agosto sou novamente diretora interina. (SNETHLAGE, 1919, *apud* SANJAD, 2019, p.13)

Emilie voltou à administração do Museu Paraense após o anúncio oficial do armistício, onde atuou até 1922. A mulher que, na Amazônia percorreu rios, campos, igarapés, florestas e montanhas, que esteve na região bragantina, no arquipélago do Marajó, nos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Xingu, Negro, Madeira, Maracanã, dentre outros, viveu no Pará novas contrariedades. Desta vez, uma que maculava a sua condição de diretora. Denúncia anônima publicada em o *Estado do Pará*, em 19 de abril de 1921, acusava-a de desviar alimentos destinados aos animais do zoológico. O fato teria até provocado a morte de muitos deles. Dizia-se também que ela dava parte aos empregados.

Nada foi provado, embora ela tenha declarado que distribuía as sobras entre os mais necessitados. Em fonte que perdi de vista, havia certo fundo de verdade no caso: ela contou com a cumplicidade de todos, beneficiados ou não pela “doação”. Outra denúncia do mesmo jornal acusou os funcionários da Instituição – embora sem citar nomes, Nimuendajú era um deles – de receberem prostitutas em seus alojamentos. As duas denúncias destinadas à desmoralização pública de Snethlage causaram escândalo na sociedade. Levaram à demissão de Nimuendajú em 1º de maio. Um mês depois, Snethlage foi outra vez afastada da direção do Museu, mas mantida na chefia da Seção de Zoologia. (CUNHA, 1989; SANJAD, 2019)

A crise econômica do Estado, com receita insuficiente para pagar os funcionários, o esgotamento dos meios próprios que aplicava em seus estudos, mais a acusação pelo suposto desvio, levaram a doutora a licenciar-se do Museu Goeldi e aceitar o emprego de *naturalista viajante* no Museu Nacional, em 1922. Sete anos depois, após intensa produção e muitas viagens, Emilie Snethlage faleceu. Estava em um hotel de Porto Velho, Roraima, para onde fora a serviço. Foi enterrada naquela cidade em 26 de novembro.

É sabido que Nimuendajú finalizou o inventário da coleção etnográfica do Museu Goeldi. Gerou um documento que descreve cada objeto do acervo, com origem, data de coleta e nome do colecionador. Mas não recebeu os salários atrasados, acredita Sanjad (2019). No entanto, eis algo com que discordo com uma evidência indireta.

Em 17 de maio de 1921, Frei Daniel de Samarate recebeu no Tucunduba a visita de Frei Roberto de Castellanza, Superior Regular dos Frades Capuchinos. Ambos ficaram satisfeitos por ter o governador Antonino Emiliano de Souza Castro reconhecido e, posteriormente, pago os atrasados que o Estado devia à Missão. A despeito dos cortes no orçamento pelo Decreto n.º 3.806, de 5 de março de 1921, que inclusive suprimiu as verbas de viagens e aquisições do Museu Goeldi, o Governo não era um mal pagador. De qualquer modo, reconheço que a dúvida persiste. (PARÁ, 1921; TROESI, 1994)

Após seu desligamento, o indigenista se mudou para o Oiapoque, então o extremo norte do Pará. Ali o Governo Federal construía uma base militar para vigiar a fronteira com a Guiana Francesa, manter presos degredados e controlar as populações indígenas. Foi com o ânimo renovado, embora a situação não lhe permitisse sequer pagar parte das suas dívidas, quanto mais juntar dinheiro para novas pesquisas.

No Pará, em 31 de janeiro de 1926, Curt Nimuendajú obteve a cidadania brasileira, ocasião em que oficializou o nome que recebera de sua família *Apapokuva*. Protocolara o pedido em 10 de dezembro de 1925, na Secretaria de Estado de Justiça e Negócios Interiores. A Folha Corrida do Instituto Médico Legal, de 13 de novembro, mostra que tinha 42 anos e residia no bairro de São Braz. Sua instrução era boa; era naturalista de profissão; calçado, media 1,68 m de altura. Era branco, de cabelos castanhos claros, olhos azuis, boca pequena, lábios finos, orelhas ovoides, fronte vertical e nariz grande e levantado. Sua Folha

Corrida nos mostra ainda que ele *estava* solteiro. No requerimento datilografado com que protocolou o pedido de naturalização, em 27 de novembro, portanto duas semanas depois, informa que era casado com Jovelina Nascimento, brasileira, e que o casal não tinha filhos, porque o consórcio fora realizado havia doze dias. (PARÁ, 1926)

Como indigenista, não escondia o desprezo pelos responsáveis pela miséria física e psicológica dos índios, alguns obrigados a trabalhar em regime de escravidão. Por isso, fez inimigos entre as populações vizinhas às tribos. O mundo acadêmico brasileiro não lhe foi próximo, embora o empregasse como informante e coletor de artefatos. Apoio mesmo teve apenas do Museu Goeldi e do Museu Nacional, já no final da vida. Sua associação com o Museu Paraense foi importante principalmente à Instituição que, sob a direção de Carlos Estevão de Oliveira, vivia uma fase de marasmo e improdutividade.

No Goeldi, escreveu o brilhante ensaio *Os Tapajó*, publicado no volume 10 do Boletim do Museu Paraense, em 1948; também desenhou, a nanquim, o *Mapa Etnohistórico do Brasil e Regiões Adjacentes*, com mais de 1400 grupos étnicos de 40 troncos linguísticos, que permaneceu inédito ao público até 1981. Curt Nimuendajú, elaborou três versões não idênticas do Mapa, feitas sob encomenda ao *Smithsonian Institution*, em 1942, ao Museu Goeldi e ao Museu Nacional. A versão do Pará data de 1943, foi desenhada em uma única folha de papel e mede 1,80 m por 2,10 m. A do Rio, desenhada em duas, é de 1944, mas foi perdida no sinistro que vitimou o Museu em 1918. (NIMUENDAJÚ, 2017)

Nimuendajú morreu em 10 de dezembro de 1945, em uma aldeia *Tiikuna* do igarapé da Rita, no Solimões, Amazonas. Estava doente, mas a causa da morte nunca foi esclarecida. Especula-se que não foi natural. Em 6 de dezembro, enviara carta e seu último relatório indigenista para Herbert Baldus, diretor do Museu Paulista, e Harald Schultz, chefe da equipe etnográfica do SPI. Relata Carlos de Araújo Moreira Neto (1982) que se tratava de uma denúncia sobre maus tratos e violência contra índios, com a conivência e participação da Fundação Brasil-Central, uma agência de desenvolvimento regional, a qual já fora ligado. Seu último relatório é coerente com sua história de vida. Revela sua insubmissão a programas oficiais de desenvolvimento que sacrificam os índios em nome de pretensos interesses nacionais.

As diversas coleções etnográficas que ele organizou estão em museus e universidades nacionais e estrangeiros. Seu espólio acadêmico e privado foi adquirido pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fotos, diários, manuscritos e correspondências foram destruídos no fatídico incêndio de 2018, como a preciosa caderneta com anotações da expedição que fez à Colonia do Prata, em 1916, na qual copiou pela primeira vez o mito *A Tapera das Almas dos Defuntos*, com que encerro este texto.

Pequena parcela de suas obras pertence ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Ignoro se algo do que havia no Museu Nacional sobreviveu àquele lamentável sinistro. Entretanto, de fácil consulta, há um amplo *corpus* bibliográfico sobre a vida e a obra de Nimuendajú, digitalizado e disponível na Internet. A Biblioteca Virtual Curt Nimuendajú foi a principal fonte de pesquisa que utilizei nesta parte sobre a história Ciência pelas veredas da *villa* e da floresta tropical aninhadas nas margens do Rio do Prata.

(*Aninhadas*. Emilie Snethlage teria gostado aprovado este termo...)

A Tapera das Almas dos Defuntos

Os homens de uma aldeia foram buscar cana de flecha. Chegando ao flechal de outra aldeia eles cortaram, clandestinamente, tanto quanto podiam carregar. Assim procederam muitas vezes. Finalmente, porém, os homens da outra aldeia deram com o furto e puseram-se de tocaia. Quando os ladrões vieram novamente, caíram sobre eles de terçado matando todos, sem deixar escapar um só.

As mulheres esperaram em vão pela volta dos homens e finalmente se convenceram de que estes haviam caído em alguma cilada de inimigos. Abandonando então a aldeia, fizeram choças em outro lugar, com medo que os inimigos viessem atacá-las também.

Após um dia teve uma briga entre as crianças da aldeia. Aborrecida com isto, uma mulher chamou seus dois filhos dizendo:

– Venham, vamos embora daqui para a nossa antiga morada e roça, e fazemos lá manicuera!

Todos os três foram para a aldeia abandonada, onde a mulher fez manicuera. Depois do pôr do sol os três de repente ouviram vozes e passos que se aproximavam da mata.

– Meus filhos – disse a mulher –, aí vem vosso pai!

Mas não veio ninguém. Só depois de escurecido foi que os homens entraram na aldeia abandonada. Vinham gritando alegremente e dizendo:

– Já está dormindo? Isto é mal! Quem cedo dorme se mete com algum desastre! Vamos dançar!

Tomaram posição e, sacudindo os maracás, dançaram. A mulher viu e ouviu tudo.

Depois de algum tempo veio seu marido, entrou em casa, mandou que ela amarrasse a rede e deitou-se. Os outros o chamaram com insistência, mas ele respondeu que estava cansado e queria dormir. Pela meia-noite começou subitamente a gemer:

– Ái-ai-ai! Ái-ai-ai!

A mulher acendeu um pedaço de resina de jutaí para ver o que ele tinha, mas quando iluminou a rede viu com espanto o corpo de seu marido retalhado por profundos golpes de terçado, onde fervilhavam vermes. De mansinho, ela acordou os filhos:

– Vamos nos esconder! Foi a sombra de vosso pai que chegou, ele mesmo já está morto!

Ela desarmou as redes e saiu com os filhos de casa. Lá fora ela escondeu os filhos pequenos dentro do tronco oco de um jaracatiá, fechando a boca dele com um pedaço de casca de pau. Ela mesma subiu aos galhos de uma árvore ao lado.

Depois de algum tempo o homem na rede acordou e viu que sua mulher tinha fugido com as crianças.

– *Ah kuráwa* – gritou –, fugiram sem eu senti-los! Se eu tivesse visto tinha matado!

Começou a procurá-los por toda parte, mas não achou ninguém, e finalmente o dia começou a clarear. Vieram então as outras sombras para chamá-lo. Reuniram-se todos no pátio da aldeia e disseram uns aos outros:

– *Iwira-ipíwae ahá ihé!* [eu vou como toco de pau] – disse um deles, que sumiu e em lugar dele apareceu um toco de pau.

– *Anuzá-ramõ ahá ihé!* [eu vou como rato] – disse outro, e em seu lugar correu um rato.

– *Ihé ahá tezú-ramõ!* [eu vou como teju] – disse um terceiro.

Quando ficou dia todos tinham desaparecido.

A mulher na árvore observou tudo distintamente enquanto as crianças, cheias de medo, estavam metidas no oco do pau, mal se atrevendo a tirar dos cabelos as formigas que as atacavam, e a coçarem se. Depois da partida das sombras a mulher desceu e tirou os pequenos. Os três foram para junto dos outros, onde ela contou tudo que lhe havia acontecido na aldeia abandonada.

Um dos homens que ainda sobraram ficou curioso de espreitar também as sombras, e indo à tapera escondeu-se no jirau de uma das casas. Ao pôr do sol, ouviu vozes e passos que se aproximavam.

– Na verdade – pensou ele –, aí vem! Cuidado agora!

Com a escuridão, as sombras entraram na aldeia.

– Gente – gritaram elas –, vamos dançar! Quem cedo dorme encontra com alguma desgraça! Isto aqui ficou tão triste desde que nos deixastes só!

Depois tocaram os maracás e cantaram:

– *Amaná-mána-mána! Amaná-mána-zóte! He-he-he!*

– *Eré katú, kwaití!* Eia cunhado! Canta agora!

– *Tse!* – respondeu o chamado e cantou: – *Uwanõ uwanõ he-he!*

Depois chamaram outro, e este cantou:– *Uwauwaké iwaká he-he-he!*

Depois cantou um terceiro:

– *Tuka-tukána-we he-he-he!*

E um quarto:

– *Upuá-puá ma herimaw-wa he-he-he!*

E um quinto:

– *Anaipó zakirána zepopie iwirá kwái he-he-he!*

E:

– *Ipepó zái wirá mirí mainum!*

E:

– *Iwirá atá-ta he-he* – os outros.

Assim eles fizeram a noite toda, e de madrugada cantou o último:

– *Kwe-kwe mote he-he!* Chega agora ou ainda não?

– *Awizá!* [chega] – responderam os outros. – Vamos agora fumar para irmos embora depois!

– Cadê a envira de tauari? – perguntou um.

– No meu jirau há muita! – respondeu outro.

Então a sombra foi ao jirau, onde o homem que tinha ouvido tudo estava deitado. Ela trepou e estendeu a mão apalpando em procura do tauari. O homem, porém, pegando num chocalho de auahy, que também encontrara, sacudiu-o com ruído na cara da sombra: *sa!* Apavorada, esta caiu de costas do jirau abaixo.

– *Mucini ití!* [tem cascavel] – gritou correndo para junto dos outros.

– Que cascavel! – disse uma outra e foi para buscar o tauari, mas quando estendeu a mão o homem no jirau sacudiu-lhe outra vez o chocalho na cara: *sa!* Fazendo-a cair também de susto.

Assim as sombras, uma após a outra, foram tentando debalde, até que o dia começou a clarear. Logo se transformaram em tocos de paus e bichinhos que se espalharam para todos os lados. O homem, porém, desceu do jirau e voltou à nova aldeia, onde ele contou tudo.

É daí que conhecemos as cantigas das sombras dos defuntos

FONTES

ALBERTO, Diana; SANJAD, Nelson. Emília Snethlage (1868-1929) e as razões para comemorar seus 150 anos de nascimento. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, set.-dez. 2019, v. 14, n. 3, p. 1047-1055. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300018>. Acesso em 13 de março de 2024.

BALDUS, Herbert. Curt Nimuendajú. In: NIMUENDAJÚ, Curt. Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas. São Paulo: Loyola, 1982. p. 25-31. In: **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**. Disponível em: <http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:nimuendaju-1982-textos>. Consultado em: 15 de março de 2024.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Maria Emília Snethlage (1868-1929): a primeira mulher cientista na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, set.-dez. 2019, v. 14, n. 3, p. 1055-1070. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300018>. Acesso em: 13 de março de 2024.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. Redescoberta do Relatório Figueiredo, sobre abusos cometidos pelo extinto SPI, lembra o longo drama dos índios no país: a decadência do indigenismo brasileiro. In: Museu do Índio - Botafogo. **Blog do Museu do Índio**. Rio de Janeiro, 11 jun. 2013. Disponível em <https://museudoindiorj.blogspot.com/2013/06/redescoberta-do-relatorio-figueiredo.html>. Acesso em: 18 de março de 2024.

GOELDI, Emilio August. I Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Secretario do Estado da Justiça, Interior e Instrução Pública pelo Director do Museu, referente ao anno de 1903. In: **Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia)**. Belém: C. Wiegandt, fev. 1908. v. 1, n.1, p. 1-23.

HUBER, Jacques. Relatório sobre o movimento do Museu Goeldi no ano de 1909 apresentado ao Ex^{mo}. Snr. Dr. Secretario do Estado da Justiça, Interior e Instrução Publica pelo Diretor do Museu. In: **Boletim do Museu Goeldi**. Belém: Ernesto Lohse & C^{ia}., 1913. Tomo VII. p. 1-34.

JUNGHANS, Miriam Elvira. **Avis rara**: a trajetória científica da naturalista alemã Emília Snethlage (1868-1929) no Brasil. 2009. 148f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. Introdução. In: NIMUENDAJÚ, Curt. Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas. São Paulo: Loyola, 1982. p. 9-23. In: **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**. Disponível em: <http://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:nimuendaju-1982-textos>. Consultado em: 15 de março de 2024.

NIMUENDAJÚ UNKEL, Curt. Sagen der Tembé-Indianer (**Pará und Maranhão**). Berlim: Behresend, 1915. Zeitschrift für Ethnologie, n. 47, p. 281-301. In: **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju-1915-tembe>. Consultado em 10 de janeiro de 2024.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Dados eletrônicos. 2. ed. Brasília: IPHAN, IBGE, 2017. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:nimuendaju-1944-mapa>. Consultado em 23 de dezembro de 2023.

PARÁ. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solenne de abertura da 3ª reunião de sua 10ª legislatura, a 7 de setembro de 1920, pelo Governador do Estado Dr. Lauro Sodré. Belém, 1920. In: **Center for Research Libraries**. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/services/download/form/3982>. Consultado em: 10 de dezembro de 2023.

PARÁ. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Pará em sessão solenne de abertura da 1ª reunião de sua 11ª legislatura, a 7 de setembro de 1921, pelo Governador do Estado Dr. Antonino Emiliano Souza Castro Sodré. Belém: Oficinas Graphicas do Instituto Lauro Sodré, 1921. In: **Center for Research Libraries**. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/services/download/form/3983>. Consultado em: 10 de dezembro de 2023.

PARÁ. Processo de Naturalização de Curt Nimuendajú. Secretaria de Estado da Justiça e Negocios Interiores. Diretoria do Interior. In: **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**. Coleção Nicolai. Processo BR RJANRIO A.9.0.PNE 3329, encerrado em 31 de janeiro de 1926. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:brasil-1926-naturalizacao>. Consultado em 10 abr. 2024.

SAMARATE, Frei Daniel. **Relatório do Instituto do Prata (1905)**. Apresentado ao Snr. Dr. Secretario de Estado da Justiça, Interior e Instrução Publica, em 31 de dezembro de 1905. Belém: Instituto Lauro Sodré, 1909. In: **Biblioteca Pública Arthur Vianna**: Obras Raras. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/relatorios/relatorioporfreidanielsamaratediretirinstitutodoprata1905/>. Consultado em 10 de outubro de 2023.

SANJAD, Nelson. Nimuendajú, a Senhorita Doutora e os “Etnógrafos Berlinenses”: Rede de Conhecimento e Espaços de Circulação na Configuração da Etnologia Alemã na Amazônia no Início do Século XX. In: **Asclepio**. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia 71(2), Jul - Dez, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/asclepio.2019.14>. Consultado em 23 de fevereiro de 2024.

TROESI, Frei Apolônio (ed.). **A Deus seja louvado**: diário interior, “jornal de serviço” de Frei Daniel Rossini de Samarate. Gorle (Itália): Velar, 1994.

SNETHLAGE, Émil-Heinrich. Worte und Texte der Tembé-Indianer: aufgezeichnet von Cyriaco Baptista (Tembé). In: **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**. Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucumán. Museo de Historia Natural. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1932. Tomo II. p. 347-393. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:snethlage-1932-worte>. Consultado em 15 de fevereiro de 2024.

SNETHLAGE, Emilie. Catalogo das Aves Amazônicas. In: **Biodiversity Heritage Library**. Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de Historia Natural e Ethnographia. Tomo VIII – 1911/1912. Edição do Museu Goeldi. Burg (Alemanha): A. Hopfer, 1914. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/97713#page/11/mode/1up>. Consultado em: 10 de fevereiro de 2024.

WELPER, Elena. Mitos *Tembé* coletados por Curt Nimuendaju. In: **Martius-Staden-Jahrbuch**. n. 63. Bilingue. Trad. Susanna Berhorn de Pinho e Augusto Rodrigues. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 298-238. Disponível em: <http://mtc-m21c.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21c/2020/11.24.15.02/doc/Martius-Staden-Jahrbuch%202020%20-%20e-book.pdf>. Consulado em: 20 de fevereiro de 2024.

EMILIE Snethlage. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia live, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Emilie_Snethlage. Última edição do sítio: em 08 de maio de 2023. Consultado 15 de maio de 2024.